



Os heresiarcas germânicos: a imagem do bárbaro ariano na *Historia Francorum* de Gregório de Tours

Marcos Gabriel Ruas Benedito¹

Resumo: Procura-se compreender a construção da imagem herética atribuída aos bárbaros germânicos praticantes do cristianismo em sua vertente ariana a partir da análise da obra informalmente conhecida como *Historia Francorum* (ou *História dos Francos*), escrita por Gregório de Tours. Para tanto, busca-se empregar uma abordagem plural, isto é, dando igual atenção ao sujeito escritor da narrativa histórica apresentada e aos sujeitos representados na mesma narrativa, na qual Gregório é visto como possuindo o ponto de vista de um historiador, além da denotação de seu projeto histórico em um sentido mais amplo, características consideradas como sendo de suma importância para a compreensão de sua obra magna. Também visa-se enfatizar a complexidade do arianismo enquanto doutrina, delimitando sua origem e teologia, bem como sua relação com os povos germânicos, com o objetivo de clarificar equívocos ocasionados por visões enviesadas a serviço de uma certa ideologia e deturpações instigadas por olhares narrativos de terceiros. Finalmente, pode-se compreender de que maneira o projeto histórico do bispo de Tours se utiliza de uma representação construída pelo autor dos povos germânicos “bárbaros” arianos a fim de favorecer uma visão providencialista da História e do mundo a sua volta, assim como denotar os possíveis efeitos da compreensão de projetos históricos como os do bispo no instigar de diferentes discussões historiográficas.

Palavras-chave: Imagem. Arianismo. Projeto. Narrativa.

Abstract: The intent is to comprehend the construction of the heretic image attributed to the germanic barbarians, in particular those that practice the Arian creed of Christianity, presented in the opus informally known as *Historia Francorum* (or *History of the Franks*), written by Gregory of Tours. To do so, a pluralistic approach, here understood as giving equal attention to the writer as a subject and to the subjects represented in the writer’s narrative, is employed, where Gregory is seen as pertaining a historian’s point of view, and also clarifying his historical project in a broader sense, attributes considered to be vital keys to comprehend the author’s magnum opus. It intends to also emphasize the complexity of arianism as a doctrine, delimitating its origin and theology, and its relation to the various germanic people, intending to clarify misconceptions entailed by skewed visions of certain ideologies and misrepresentations instigated by third-party narratives. Finally, it is possible to understand the way the bishop of Tours’ historical project utilizes itself of a constructed representation of the so called “barbaric” germanic people to favour a religious providentialist view of History and the world, while also pointing the possible effects of the comprehension of historical projects such as Gregory’s on instigating multiple historiographical discussions.

Keywords: Image. Arianism. Project. Narrative.

¹ Graduando em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná.
<http://lattes.cnpq.br/6701952152136165>
E-mail: marcosgabrielruasbenedito@gmail.com





1. Introdução

Ao se analisar uma obra do escopo *Decem Libri Historiarum* (ou, como é mais conhecido, de maneira errônea, *Historia Francorum*), de Gregório de Tours, o terreno se torna frutífero para o surgimento de dúvidas a respeito de seus intentos, seu conteúdo e de seus efeitos. A proposta a seguir é de fornecer uma abordagem interpretativa dos escritos gregorianos, tomando como base a construção de uma imagem dos ditos povos “bárbaros” germânicos, em particular aqueles que adotaram em algum momento a religião do cristianismo ariano. Uma tarefa do gênero requer primeiramente definir seus sujeitos, principiando-se pelo autor, Gregório de Tours.

2. O perfil intelectual de Gregório de Tours

Nascido em 30 de novembro de 538, na cidade de Auvérnia (localizada então na região da Gália Romana), Georgius Florentius, de acordo com Silva (2020), possuía uma origem fortemente ligada ao meio senatorial, posicionada em uma tradição de serviço ao Império Romano. Apesar disso, Gregório possuía uma formação deficitária na gramática latina e dos próprios autores clássicos de maneira mais ampla (ainda que, como afirma Durán (2011, p. 600), Gregório tenha posteriormente tentado compensar seu déficit lendo Virgílio). Todavia, isso não quer dizer que o bispo de Tours (tendo assumido o cargo em 537) sentisse uma espécie de “incompetência” em relação ao seu projeto historiográfico, ou mesmo ao seu trabalho de maneira geral. Como nos aponta Macedo (1999, p. 61):

Ele tinha ciência de seus parcos conhecimentos da gramática latina, mas conhecia alguns autores clássicos e parte da leitura patristica, de onde extraiu não apenas informações circunstanciadas de parte dos assuntos incorporados em seus livros, mas também ensinamentos sobre o comportamento adequado do estudioso em relação aos feitos do passado.

O fato de Gregório possuir essa espécie de consciência intelectual auxilia a clarificar seu perfil enquanto um próprio intelectual. Para muito além de ser meramente um teólogo, posicionando suas visões religiosas como absolutas, ou agir como um cronista, registrando narrativamente os eventos de seu cotidiano, Gregório de Tours se via como um historiador *de facto*. O principal elemento de diferenciação do bispo de diversos outros cronistas de seu tempo é justamente a adoção de uma visão enquanto historiador, possuindo também a proposta de produção de uma obra histórica, evidenciando a presença de uma epistemologia e metodologia únicas. Ressalta-se, todavia, que Gregório obviamente não possuía os recursos epistêmicos de um historiador





moderno, e sua metodologia, como sintetiza Macedo (1999, p. 63), é marcada por uma série de decisões questionáveis, malgrado seus méritos de, como já dito, explicitar sua singularidade enquanto autor:

A falta de proporção na seleção de informações, a ausência de notícias gerais bem equilibradas, a falta de perspectiva temporal, os saltos acrobáticos no estabelecimento da sequência cronológica e, principalmente, o direcionamento para um sentido providencialista da história distanciaram-no de outros cronistas da Alta Idade Média que optaram por organizar sua narração a partir das informações relativas ao próprio povo ao qual se dedicavam a compor a história.

| 131

Portanto, a fim de nos fazer claros, a abordagem é enxergar Gregório de Tours adotando um **ponto de vista** de um historiador, pois o próprio assim se via, e não o estabelecer como um historiador no sentido que é atualmente entendido no âmbito científico. A adoção deste ponto de vista nos permite seguir para o próximo passo na busca pela definição de seu perfil intelectual: a tentativa de Gregório de construir sua pessoa como possuindo uma autoridade epistêmica.

Primeiramente, Gregório escolheu como fontes de sua narrativa certos autores considerados autoridades do pensamento cristão, tais como Prudêncio e Eusébio de Cesareia. A escolha destes autores, segundo Macedo (1999, p. 62), permitiu que o bispo de Tours aprendesse os princípios estruturantes do “conteúdo global do trabalho historiográfico”. O critério para a escolha de fontes em relação aos vândalos, para citar um exemplo dos povos germânicos considerados “bárbaros”, é similar, conforme o exposto por Cain (2005), baseando-se em citações diretas de escritos locais (tal como uma assim chamada *Historia persecutionis*) ou de contato, supõe o autor, com bispos próximos da região narrada (Saulo, para citar um exemplo). A citação de pensadores ou escritos conhecidos auxiliaram o turonense a criar uma imagem de autor bem-informado, não obstante, como também notou Macedo (1999, p. 64), o modo de uso de tais informações por parte de Gregório seja de questionável credibilidade, em particular no beneficiamento de fatos mais locais.

O segundo fator foi o do contexto político, em que, de acordo com Silva (2008), uma realeza cristã no Reino Franco estava em processo de consolidação. Tal processo, que deve ser entendido como sendo de longa duração, teve um epicentro no reinado de Gontrão, da Burgúndia, o qual, diferentemente de seu antecessor Chilperico, abraçou o poder episcopal ao seu lado, convocando concílios e promulgando editos (com Silva (2008, p. 248) suspeitando que um deles, o Edito de 585, tenha sido escrito pelo próprio Gregório). O aumento de poder e influência dos bispos ao longo do século VI,





evidenciado também, como um artifício extra, pela convergência política de Gontrão com a ideologia de Gregório de Tours (cf. Silva, 2008, *idem*), pôde servir igualmente como justificativa basilar da autoridade epistêmica do bispo turonense, ganhando entornos de uma virtude moral.

Por fim, o terceiro fator, aqui levantado como hipótese, é o da trajetória pessoal de Gregório. Deve-se tomar especial cuidado ao se levar em conta a trajetória pessoal de um autor como tendo influência significativa no processo de sua escrita e na construção de uma autoridade crível, pois como alerta LaCapra (1980, p. 257, tradução nossa):

[...] A tentação está então exposta em enxergar um texto como sinal ou sintoma do processo vital mesmo quando o resultante entendimento de sua relação está demarcada no nível da sugestão em lugar de uma teoria integralmente causal ou interpretativa.

Aqui, tal como no caso da interpretação intencionalista, o que é tomado como solução deveria ser posto como problema. É claro que pode haver aspectos sintomáticos em textos. Porém vida e texto também podem estar internamente marcados e relacionados um com o outro por processos que colocam a identidade em questão. [...]

Tendo isso em mente, é preciso buscar algumas evidências que fomentem a hipótese. Durán (2011) nos fornece duas: a primeira é que Gregório sucedeu São Martinho de Tour no cargo de bispo da cidade, que como o título já demonstra, era um santo, além de mártir e milagreiro. O ato de sucessão implica, para o autor, em uma espécie de herança hagiográfica que se faz presente como uma sombra em Gregório, conferindo-lhe maior autoridade eclesiástica (portanto, conectando-se com o primeiro fator), servindo de sustentáculo também para seus ataques ao que vê como heresias (sobretudo aos germânicos arianos). A segunda nos remete à formação deficitária de Gregório, cuja qual o bispo tinha ciência, como já denotado anteriormente. Aqui, segundo Durán (2011), Gregório de Tours, através de alguns recursos retóricos, como por exemplo professar sua própria fé no início de *Historia* e buscar constantemente uma relação com o sobrenatural (representada, sobretudo, quando descreve milagres), busca utilizar o déficit a seu favor, utilizando-se do artífice de possuir o *topos* da falsa modéstia, estratégia também notada por Macedo (1999).

Se Durán (2011) e Macedo (1999) estão corretos em suas afirmações, e enfatizamos que estamos de acordo, então de fato a trajetória pessoal do turonense pode ser vista como sendo um terceiro fator de construção da autoridade epistêmica (além de religiosa-moral) do autor dos *Decem Libri Historiarum*. Tendo em mente os três fatores destacados, pode-se explicitar o principal efeito do uso de tais recursos por parte do bispo ao escrever uma obra de cunho histórico: estabelecer uma relação de confiança com seu





leitor e explicitar a ideia de uma escrita de uma verdade **histórica**, e não apenas uma verdade divina, revelada. Tal efeito possui relação direta com seu modo de conceber a história², e será o principal recurso narrativo de Gregório ao longo de toda sua obra. Da importância de tamanho recurso, tem-se as considerações de Ohara (2019, p. 21):

Em outro nível, a confiança fundamenta o funcionamento da verdade do texto histórico na medida em que o leitor confia na capacidade de o historiador narrar verdadeiramente o passado. O contrato de leitura presume essa relação de confiança e só pode funcionar por conta dela. Essa relação de confiança entre leitor e historiador fundamenta-se, principalmente, em que a figura do historiador está socialmente credenciada para produzir discursos verdadeiros sobre o passado.

Conclui-se então que, ao assumir o ponto de vista de um historiador, Gregório busca constituir um perfil intelectual baseado em ver sua pessoa como uma autoridade eclesiástica e uma autoridade historiográfica, apoiada por motivos epistêmicos, políticos e morais.

3. Os arianos e os povos germânicos

Encerrada a definição do primeiro sujeito, partir-se-á para a definição de quem foi o receptor dos comentários e ataques de Gregório: os cristãos arianos, e sua suposta relação simbiótica com os povos germânicos. De início, torna-se mister destacar que uma noção de “arianismo germânico”, isto é, uma espécie de vertente própria com ritos próprios, é uma inverdade, sendo uma narrativa construída para fins específicos, conforme nos aponta Brennecke (2014, p. 129, tradução nossa):

O uso do termo “arianismo germânico” nada mais é que o produto de ideologias nacionalistas do final e início dos séculos XIX e XX, respectivamente, as quais clamavam que haveria uma afinidade natural entre a identidade germânica (*Germanentum*) e o arianismo. Esta suposição culminou no período do nacional-socialismo na, mais que questionável, ideia de que todos os textos arianos poderiam ser subscritos em uma assim chamada “Escola de Úlfilas”. O propósito ideológico deste construto era não só clamar uma proximidade entre o arianismo latino e a cultura germânica como também afirmar que o arianismo era na verdade o produto de uma genuína religiosidade e natureza germânicas (*germanisches Wesen*). Isso serviria de prova de que as noções tradicionais apostólica-romanas e protestantes da fé cristã eram na realidade alienígenas (*wesensfremd*) à verdadeira cultura germânica, devendo

² Como pode-se notar neste trecho: Perseguido o transcurso dos tempos, registraremos sem ordem e sem distinção tanto os milagres dos santos quanto os desastres dos povos. Com efeito, penso que deva ser considerado razoável nosso esforço em recontar a vida bem-aventurada dos santos entre as dores dos desafortunados pois não é a comodidade do escritor mas a sequência dos tempos que assim o exige (TOURS, Gregório de, II, 1 *apud* Macedo, 1999, p. 62).





ser abandonadas e substituídas por um novo culto ao Führer sob o disfarce de um “arianismo germânico”.

Já para Mathisen (2014), nem mesmo os próprios arianos utilizavam o termo para se referirem a sua fé, tratando-se de um termo imposto pelos cristãos de tradição nicena. Além disso, o arianismo não foi uma doutrina de gênese “bárbara”, tendo sido adotada primeiramente pelos romanos. O termo “ariano”, portanto, é polissêmico em se tratando de credos, que incluem: Homoiousianos, que, tal como Ário (considerado inventor do arianismo), argumentavam que Deus e Cristo eram de substâncias similares, mas não idênticas; Homoianos, posteriormente conhecidos como eudoxianos, crentes na similaridade natural entre Pai e Filho, não obstante evitavam o uso do termo grego *ousios* (normalmente traduzido como substância, essência), pois o consideravam controverso, e por fim, os Anomoianos, também posteriormente (e genericamente) definidos com outro nome, no caso, eunominianos. Para os anomoianos, Deus e Cristo eram de substâncias nem idênticas, nem similares, mas sim completamente distintas.

A unificação de tais credos, ainda segundo Mathisen (2014), se deu em 359, durante o Concílio de Remini, sob os auspícios do imperador Constâncio II, com a “vitória” da argumentação proposta pelos bispos Ursácio e Valente, advogando por um credo proponente do termo *homoios* (similar), uma vez que os termos *homoousios* (de mesma substância, essência) e *homoiousios* (de similar substância, essência) seriam supostamente não-bíblicos. Em 360, em Constantinopla, o Credo de Remini, como ficou conhecido, foi enfim oficialmente validado para todo o Império. Contudo, o eminente Concílio de Constantinopla (datado de maio de 381), durante o reinado de Teodósio I, definiu o arianismo como heresia, dando início às perseguições aos arianos e demarcando o fim do arianismo romano, apesar de resistências de seguidores.

Já para os povos germânicos tachados de bárbaros, o arianismo seguia os preceitos do Credo de Rimini, evocados principalmente por Úlfilas. Contudo, os bárbaros, tendo chegado à Roma sob suas próprias chefias, e com muitos tendo servido ao exército romano, receberam um tratamento distinto. O segundo cânone do Concílio de 381 explicitava que os bárbaros do leste, ao estabelecerem igrejas, deveriam seguir os costumes instituídos por seus pais. Mathisen vê tal decisão como ponto de partida para desbancar o mito de um afastamento entre os romanos nicenos e os bárbaros arianos dentro do contexto social da época. O autor atribui tal erro ao excesso interpretativo de alguns historiadores na busca de diferenças bruscas entre os credos nicenos e arianos, sobretudo em relação à liturgia e às práticas. Também pontua que a escassez de fontes devidamente arianas contribui para a perpetuação da confusão. Por fim, conclui não haver





diferenças litúrgicas significativas entre nicenos e arianos, sugerindo que a relação entre ambos os credos foi mais pacífica que o imaginado por tais historiadores.

Pode-se concluir então, com o aporte de Brennecke (2014) e Mathisen (2014), que o arianismo, enquanto termo, requer uma atenção especial do historiador em relação a sua semântica, e enquanto doutrina, deve-se realizar uma contextualização histórica adequada a fim de não cometer imprecisões ou exageros. Também se destaca o uso indiscriminado do arianismo para servir o propósito de diferentes narrativas, sejam elas extremistas (como no caso do nazismo) ou, como se verá a seguir em Gregório de Tours, como exemplos alegóricos em um projeto histórico específico.

4. A construção imagética de Gregório

Para construir uma imagem específica dos povos germânicos de credo ariano, Gregório adota em sua abordagem historiográfica um ponto de vista. Este artífice, ainda que traçado de maneira epistemologicamente obviamente diferente, ainda se encontra presente na historiografia atual, como apontou Koselleck (2006, p. 161):

Ninguém poderia contradizer, nos dias de hoje, a ideia de que toda afirmação histórica está associada a um determinado ponto de vista. Pois quem poderia negar que a história é observada a partir de diferentes perspectivas e que uma alteração no âmbito da história corresponderá necessariamente a uma alteração no âmbito do discurso que a expressa? A velha tríade *lugar, tempo e pessoa* também está presente na obra do historiador. Caso se altere um desses três elementos, trata-se já de uma outra obra, ainda que se debruce ou pareça debruçar-se sobre o mesmo objeto.

Veremos a seguir, então, como exatamente Gregório detalha seu ponto de vista a fim de construir suas afirmações históricas. Como primeiro estudo de caso, temos um episódio ocorrido no ínterim do Reino Vândalo, precedido por uma consideração geral do bispo acerca dos vândalos (II, 3, p. 118, tradução nossa):

Os cristãos foram perseguidos de maneira ainda mais cruel no tempo dos Vândalos, como já lhes foi dito. Trata-se de ser apenas justo e correto que lhes recontem alguns dos crimes cometidos contra as igrejas de Deus e então a maneira cuja qual seu reinado chegou ao fim. Trasmundo morreu e então encerrou seu destrato para com os eleitos de Deus. Hunerico se tornou o Rei dos Africanos, tendo sido escolhido pelos Vândalos para reiná-los, e ele foi ainda mais sádico que seu antecessor. Alma alguma pode relatar quanta gente Cristã foi massacrada em seu tempo em nome de nosso sagrado Senhor. África é sua testemunha, a terra a qual os enterraram, e também a é a mão direita de Cristo, que os coroou com as sempiternas joias do martírio. Eu li os relatos de alguns de seus sofrimentos e esses vos proponho recontar-lhes uma vez mais a fim de cumprir vossa promessa para convosco.





Chamam a atenção a atribuição de uma característica negativa comum a todos os vândalos (no caso, todos seriam sádicos), o apelo emotivo ao martírio dos cristãos perseguidos e, nesse trecho em específico, a ausência de quaisquer tipos de citações a respeito das fontes do turonense. Antes de tecer impressões sobre isso, concluir-se-á a narrativa, com o apoio de Cain (2005), que revela, como se verá a seguir, o real intento da passagem: exaltar os feitos do bispo Eugênio, niceno.

Eugênio, um niceno exilado pelo reino ariano, atinge grande popularidade local quando forma a sua igreja. Contudo, a “luz” de Eugênio se contrasta com a “penumbra” de Cirilo, um bispo ariano da região. Posteriormente, Eugênio realiza um milagre, curando um cego. O milagre teria inflamado Cirilo de inveja, que decidiu orquestrar um falso milagre, pagando 30 moedas de ouro a um ariano para fingir-se de cego. Todavia, Cirilo, ao tocar no homem, acaba o cegando de verdade. Eugênio, então, aparece e o cura da cegueira, não obstante apenas depois do ariano renunciar sua heresia e professar a fé no credo niceno.

Conforme aponta Cain (2005, p. 419), a “cegueira” curada por Eugênio é uma metáfora para o ato de conversão, traçando um paralelo com a conversão de São Paulo. No entanto, para além dessa simples alegoria, os intentos de Gregório em sua narrativa histórica deste episódio podem ser destrinchados em um *corpus* mais complexo. Como visto anteriormente no trecho ao episódio de Eugênio, Gregório afirma ter “lido os relatos de alguns de seus sofrimentos”, o que implica que a história de Eugênio se trata de uma interpretação histórica de Gregório perante uma fonte. Para fins de embasamento, Cain (2005, p. 421-424) compara a versão de Gregório do feito de Eugênio com a de outro bispo, este africano, Vitor de Vita, e muito embora tenha encontrado pontos em comum, destaca a diferença grande em suas versões, com a de Gregório apresentando elementos a mais e personagens inexistentes na versão de Vitor. Cain conclui, que, certamente, Gregório não se baseou em Vitor, pois as versões teriam muito mais pontos em comum em caso positivo. O autor também se propõe a tentar traçar algumas hipóteses acerca da origem da fonte de Gregório do episódio, oferecendo como uma das possibilidades (como já mencionado no início) uma assim chamada *Historia persecutionis*. Por fim, também conclui que as fontes de Gregório e Vitor são distintas.

Argumentamos que, retomando nossas considerações prévias ao estudo de Cain (2005), ainda que se baseasse na mesma fonte de Vitor de Vita, a interpretação histórica de Gregório do fato não seria distinta daquela presente na *Historia Francorum*. Para isso, busco aporte em White (1994, p. 89), que acerca da interpretação histórica, nos oferece:





Assim, a interpretação entra na historiografia pelo menos de três maneiras: esteticamente (na escolha de uma estratégia narrativa), epistemologicamente (na escolha de um paradigma explicativo) e eticamente (na escolha de uma estratégia pela qual as implicações ideológicas de uma dada representação possam ser deduzidas para a compreensão dos problemas sociais do presente). E afirmei que é quase impossível, salvo para as formas mais doutrinárias da escrita histórica, atribuir prioridade a um ou a outro dos três momentos assim distinguidos.

Gregório de Tours não atribui prioridade a nenhum dos três, reunindo-os em uma confluência no decorrer de sua narrativa histórica. Esteticamente, Gregório adota uma estratégia de recontar o episódio de Eugênio à maneira de uma parábola, com um personagem moralmente repugnante (Cirilo, o bispo vândalo ariano) e um virtuosamente positivo em todos os aspectos (Eugênio, o bispo niceno), conferindo um ar hagiográfico ao texto. Epistemologicamente, Gregório está de total acordo com sua proposta de uma história disposta a mostrar tanto os milagres, quanto os desastres dos povos. Não é de suspeitar, tendo isso em mente, que o bispo turonense posicione a tragédia cristã na África Vândala logo antes de um feito milagroso. Afinal, isto nos leva, eticamente falando, à ideologia hagiográfica que Gregório busca em toda a sua obra, que conforme se verá mais adiante, possui traços escatológicos. Percebe-se o contraste entre uma violência grotesca dos reis Trasamundo e Hunerico³ e um ser vaidoso, pacífico e iluminado.

Partiremos para outro momento, agora com o foco sendo a princesa franca Ingund, com Gregório narrando seu trágico fim nas mãos da rainha visigótica Goiswinth (V, 38, p. 342, tradução nossa):

[...] Ingund, pois este era o nome da filha de Rei Sigiberto, foi enviada à Espanha com muita pompa e circunstância. Sua sogra⁴ Goiswinth a recebeu calorosamente, mas logo estava aparente de que ela não tinha intenção de permitir a continuidade de sua nora como católica. Ela dialogou com Ingund de maneira gentil, e tentou persuadi-la a ser rebatizada na heresia Ariana. Ingund teve a coragem de recusar. “A mim já basta ter sido purificada de uma vez por todas do pecado original por um batismo que salvará minha alma, e de ter deixado claro minha crença na Santíssima Trindade una e indivisível”, disse ela. “Eu desde já confirmo que creio nisto de coração e que jamais voltarei atrás com este artigo da fé”. Quando escutou isso, a Rainha perdeu completamente seu temperamento. Ela agarrou a garota pelo cabelo e jogou-a no chão: então a chutou até estar coberta de sangue, ordenou que a despisse e a atirasse à terma de batismo. Existem diversas testemunhas que podem vos dizer como Ingund recusou-se a abandonar um milímetro da fé que vos compartilha.

³ Por sinal, como bem notou Cain (2005), Gregório comete um erro histórico no seu recontar da sucessão do trono vândalo. Hunerico precedeu Trasamundo, sendo sucedido por Gutamundo antes de enfim Trasamundo assumir o trono. Não é o único erro cronológico de Gregório em relação à sucessão dos reis vândalos, nem o único erro em toda sua obra.

⁴ [N.T.]: O termo utilizado pela tradução da Penguin é “stepmother-in-law”, o que seria traduzido vulgarmente como “sograsta”. Dada à inexistência deste termo na língua portuguesa, optamos por deixar como sogra (sendo apenas mother-in-law, em inglês). Infelizmente, não obtivemos acesso ao original em latim.





Novamente, a estrutura interpretativa de Gregório se mantém, seja no âmbito estético, epistemológico ou ético. De mesmo modo, também inexitem citações diretas em relação as suas fontes. Aqui, a rainha, ariana e germânica (visigótica) é descrita como sendo uma figura mórfica, rapidamente alterando sua personalidade gentil para uma brutal e violenta.

Keely (1997) oferece uma interpretação a tal passagem, destacando que Gregório buscava não só reafirmar, como também fortalecer a identidade católica da qual ele (e como vimos, inclui-se aí o leitor) era um representante. A autora também chama a atenção para o argumento incomum a qual Gregório, mais à frente neste livro, insulta o batismo ariano: chama-o de sujo. O argumento higiênico se junta ao argumento patológico o qual Gregório imputa a Goiswinth pouco antes de iniciar a narrativa do trecho analisado (também no capítulo 38 do quinto livro). Aqui, o bispo de Tours enfatiza como a rainha visigótica foi vítima da vingança divina, tendo desenvolvido catarata em um de seus olhos. Também chama a atenção a clara celebração de Ingund como uma mártir.

Como se nota, a narrativa histórica gregoriana explicitamente serve de benefício à fé católica, mas a variedade de seus argumentos, sempre com um enfoque nos arianos, denotando em particular a violência extrema, nos permite avançar no sentido de fornecer uma explicação do porquê desta imagem tão negativa ao germânico ariano. Afinal, por que vândalos são descritos como sádicos, assassinos e os visigóticos como sendo governados por alguém vil, manipulativo e louco?

A questão, importante sublinhar, não é o fato destes povos serem germânicos, pois o próprio Gregório de Tours nasceu na Gália merovíngia, sendo um franco, um povo germânico. Ela o é: por que os arianos em particular? A resposta à questão está expressa no caráter providencialista da história na obra do turonense.

5. Providência e uso da imagem ariana

James (2009), ao se debruçar acerca da questão ariana em Gregório de Tours, levanta um ponto válido: o bispo sabia que o arianismo, quando da escrita dos *Decem Libri Historiarum*, não era mais um “problema” nem na Gália, tampouco na Hispânia. Tendo isso em mente, o autor argumenta que o arianismo deve ser entendido sempre como “arianismo”, ou seja, uma figura alegórica para os adversários dogmáticos de Gregório, argumentando também que o arianismo nunca fora um conjunto próprio de doutrinas,





com os “arianos” citados por Gregório servindo de cenário para reforçar sua autoridade eclesiástica.

Apresentamos aqui uma veemente discordância com tal interpretação, por uma série de razões aqui destacadas: a) simplifica em demasia a questão do arianismo, que como visto anteriormente, ainda que tenha sido muito utilizado como ferramenta de construções narrativas, possuía sim um escopo próprio de doutrinas, mesmo que a princípio heterogêneo; b) releva apenas um fator na construção da autoridade epistêmica de Gregório, que como argumentando, é muito mais diversa que meramente a autoridade eclesiástica. Também desconsidera seu ponto de vista e construção de sua autoridade enquanto historiador; c) personaliza as questões presentes na narrativa histórica de Gregório em seu *status* como figura histórica, desconsiderando outros matizes da análise. Como proposta, apresentamos a escolha do ariano como tendo conexão com sua trajetória pessoal (evidenciando o terceiro fator da construção de sua autoridade), mas também como tendo íntima relação com seu projeto histórico como um todo, expressado através de uma característica singular: o providencialismo. Segundo Durán (2011) e Macedo (1999), o elemento da Providência é chave para compreender Gregório de Tours. Vimos anteriormente o contraste entre uma violência e um feito hagiográfico moralmente virtuoso. Este contraste, constantemente apresentado, possui um escopo narrativo fulcral à escrita da *Historia Francorum*, que lembra-nos Murray (2016), foi realizada **posteriormente** aos eventos narrados. Gregório em momento algum foi sincrônico a sua narrativa, o que nos auxilia a explicar o motivo principal de sua feitura: possuía, através da História, usos político-morais sob a égide religiosa.

As descrições da violência não são evidências de uma insensibilidade por parte do bispo, mas possuem um objetivo mais complexo, como nos atesta Macedo (1999, p. 75), após descrever um episódio de lamentação por parte de Gregório no livro X:

A aparente impotência visualizada nas palavras, prova de fé e resignação, parecia o único meio de abrandar o “dia da ira” que lhe parecia próximo. Ele tinha clareza de que, justamente por causa das mazelas e infortúnios multiplicados a cada instante, a salvação só poderia ser alcançada pelas obras individuais. Por isso manteve-se atento aos exemplos de benevolência dos santos, mártires e homens de Deus, manifestando o desejo de participar desse pequeno grupo de eleitos.

Deste modo, tem-se claro o projeto histórico de Gregório de Tours, isto é, explicitar de maneira diacrônica como a Providência Divina interferiu e irá interferir na História, demarcando a vida hagiográfica como modelos a serem seguidos, especialmente em um mundo permeado pela violência e pela maldade. Para mostrar os efeitos dessa





violência, e aqui ratificamos nossa visão, Gregório utiliza-se do arianismo como um exemplo alegórico, além de claro, possuir motivações políticas manifestas pelo contexto histórico explicitado por Silva (2008). Como pode-se atestar, se Koselleck (2006) descrevia os processos historiográficos nos tempos pré-modernos como sendo passíveis de classificação em sua maioria como representantes de um “realismo ingênuo”, a História providencialista de Gregório de Tours certamente se diferencia do rótulo de “ingênuo”, tamanha a sua diversidade de fatores. Nada na obra de Gregório é fruto do acaso, e certamente não em um contexto não sincrônico da escrita dos eventos, como bem demonstrou Murray (2016, p. 74)⁵. O mesmo autor, inclusive, nota que as interpretações de Gregório como sendo contemporâneo aos eventos narrados na *Historia* produzem algumas confusões em relação aos marcadores temporais do original latim (como por exemplo, *hoc anno, prasenti anno e praesens*)⁶.

Em suma, a fim de compreender os usos da imagem ariana germânica presentes nos *Decem Libri Historiarum*, deve-se dar atenção especial à não-contemporaneidade de Gregório na narração e construção de tal imagem, além de vincular tais usos como sendo partes de um projeto histórico mais amplo, em linha com a abordagem epistemológica (e também metodológica) do bispo de Tours. Tal atenção interpretativa ao historiador interessado nos estudos gregorianos não deve ser tomada como nota apenas unicamente no contexto dos escritos de Gregório, nem entendida como sendo particular à figura do turonense, mas de maneira geral, como sintetiza Tamm (2015, p. 7, tradução nossa):

Um historiador jamais deve ter a satisfação hermenêutica de retirar por completo todos os sentidos falsos de um evento a fim de se chegar à uma sensação segura do sentido verdadeiro. Sem embargo, ao contrário dos eventos naturais, um evento histórico é constituído de inúmeros sentidos. Uma vez que este fazer-sentido se dá no tempo, os eventos acumulam diferentes camadas de significância em diferentes períodos. Portanto, o sentido histórico, assim como o conhecimento histórico, é sempre gerado **post-factum** e sempre está aberto a novas interpretações.

⁵ A metodologia sincrônica pode produzir em certos pontos interpretações perturbadoramente díspares, mas também leva a regularidades em sua abordagem. O efeito comum produzido pela sincronicidade é, se posso usar tal palavra, a desarticulação das visões de Gregório. Todas as afirmações do bispo são potencialmente desgarradas umas das outras, enraizadas apenas no contexto particular do evento, sem quaisquer conexões a outros textos ou outras partes da narrativa. A desarticulação em si mesma raramente produz muito significância e então um *deus ex machina* interpretativo é empregado por praticantes do método, os quais estão de fato almejando um significado além do contexto imediato do texto. (tradução nossa).

⁶ As preocupações semânticas, quicá morfológicas, dos termos em latim presentes em Murray (2016, p. 78-79) não devem ser entendidas como fruto de um exagero. Para maiores detalhes acerca da importância deste tipo de análise na historiografia medievalista, ver Castanho (2021).





6. Considerações finais

Procuramos então, após o exposto, destacar a defesa da abordagem de Gregório de Tours como possuindo um *ponto de vista* de um historiador de fato, com a construção da *Historia Francorum* sendo demarcada pela não sincronicidade de sua composição, e demarcada por recursos histórico-interpretativos estéticos, epistemológicos e éticos, constantemente presentes no decorrer da obra. Também visamos apresentar de que maneira Gregório construiu sua autoridade não apenas eclesiástica, como também epistêmica-moral, possuindo virtudes adequadas à tarefa que se propôs a realizar. Para tanto, evidenciamos que tal autoridade se consolidou através de uma confluência de fatores, compassadas dentro de um contexto histórico específico, como já apontado por Silva (2008), além de enfatizado por Silveira (2010).

Buscamos também apresentar o sujeito (ou melhor dizendo, os sujeitos) ariano(s) tão comentado(s), quase que unanimemente de maneira negativa por Gregório de Tours, apontando também sua relação com os povos germânicos tachados de bárbaros e presentes no texto do bispo. Demonstrando uma complexidade muito maior que à primeira vista, a questão ariana (e por extensão, os bárbaros) foi utilizada a serviço de múltiplas narrativas em diferentes contextos históricos, não sendo diferente nos casos analisados. Gregório possuía intenções próprias, mas suas intenções não permeiam sua obra de maneira monolítica⁷, possuindo também conotações contextuais e políticas. Sem demonstrar qualquer tipo de “ingenuidade”, ou sendo meramente um cronista, o projeto histórico providencialista, e isso deve ser enfatizado, possui afinidade com o uso do termo “História” conforme sua semântica vernacular, como aponta Trouillot (2016, p. 22-23). A citação é um tanto longa, mas mister para a compreensão de nossa abordagem:

O uso vernáculo da palavra história oferece-nos, portanto, uma ambiguidade semântica: uma distinção irreduzível e ao mesmo tempo uma sobreposição igualmente irreduzível entre o que ocorreu e o que se diz ter ocorrido. Isso ainda indica a importância do contexto: a sobreposição e a distância entre os dois lados da historicidade podem não ser suscetíveis a uma formulação genérica. As formas em que aquilo que ocorreu e aquilo que se diz ter ocorrido são o mesmo e as formas em que não o são podem elas mesmas ser históricas. Palavras não são conceitos e conceitos não são palavras: entre os dois, há camadas de teoria acumulada ao longo de eras. Mas teorias são construídas sobre palavras e com palavras. Não surpreende, pois, que a ambiguidade aportada pelo uso vernáculo da palavra história tenha chamado a atenção de muitos pensadores desde pelo menos a antiguidade [...]

⁷ LaCapra (1980, p. 254-256) alerta para os problemas decorrentes de uma interpretação histórica embebida unicamente nas “intenções” do autor, sobretudo no campo da História Intelectual.





Ou seja, não se deve tomar de espanto a produção de uma História por parte de Gregório de Tours, mas sim compreender de que maneira Gregório utiliza seu projeto histórico, para quais fins, a quem servia, os motivos de seus silenciamentos em sua narrativa, e assim por diante. Como já muito dito, o bispo adotou o ponto de vista de um historiador, devendo ser tratado analiticamente como tal. Desta maneira, fulcramos que os diferentes matizes dos *Decem Libri Historiarum* podem ser explicitados e esses, por sua vez, devidamente interpretados.

Por fim, sublinhamos que, ao se analisar a obra de Gregório de Tours, o historiador encontra não apenas um novo estudo de caso ou uma figura histórica importante, mas sim a possibilidade de repensar a História. E isto deve ser feito com considerável cautela, pois tratar a epistemologia gregoriana como histórica não significa tratá-la como factual, muito menos considerar Gregório de Tours uma espécie de precursor do historiador enquanto sujeito científico tal como o é entendido na modernidade, pois como bem evidenciaram Macedo (1999) e Cain (2005), o rigor metodológico do turonense é muito falho, e como bem alerta Murray (2016), comiserações a respeito da credibilidade das informações apresentadas e interpretadas por Gregório, bem como seu projeto histórico como um todo depois de compreendido, podem e devem ser realizadas.

Referências

Fonte:

TOURS, Gregório de. **The History of the Franks**. 2^a. ed. Londres: Penguin Books, 1976. (Penguin Classics). Tradução de Lewis Thorpe.

Bibliografia:

BRENNECKE, Hanns Christof. Deconstruction of the So-Called Germanic Arianism. In: BERNDT, Guido M.; STEINACHER, Roland. **Arianism: Roman Heresy and Barbarian Creed**. Londres: Routledge, 2014. p. 117-130.

CAIN, Andrew. Miracles, Martyrs, and Arians: Gregory of Tours' sources for his account of the Vandal Kingdom. **Vigiliae Christianae**, Leiden, v. 59, n. 4, p. 412-437, nov. 2005.

CASTANHO, Gabriel. "Das palavras se alimenta o historiador": reflexões sobre o uso da semântica histórica no estudo da idade média. **Medievalis**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 1-15, 2021. Disponível em:





<https://revistas.ufrj.br/index.php/medievalis/article/view/45446>. Acesso em 28 de maio de 2022.

DURÁN, Marcelo E. Aguirre. Hagiografía, milagros y providencia: fundamentos teológico-históricos de la *Historia Francorum* de Gregorio de Tours (siglo VI). **Teología y Vida**, Santiago, v. 52, p. 599-623, 2011.

JAMES, Edward. Gregory of Tours and "Arianism". In: CAIN, Andrew; LENSKI, Noel (ed.). **The Power of Religion in Late Antiquity**. Farnham: Ashgate Publishing, 2009. p. 327-338.

KEELY, Avril. Arians and Jews in the *Histories* of Gregory of Tours. **Journal Of Medieval History**, Amsterdã, v. 23, n. 2, p. 103-115, 1997.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado** - Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LACAPRA, Dominick. Rethinking Intellectual History and Reading Texts. **History And Theory**, Middletown, v. 19, n. 3, p. 245-276, out. 1980.

MACEDO, José Rivair. Tempo, Providência e Apocalipse na *Historia Francorum*, de Gregório de Tours. **Anos 90**, Porto Alegre, n. 12, p. 59-77, dez. 1999. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6593>. Acesso em 15 de abril de 2022.

MATHISEN, Ralph W.. Barbarian "Arian" Clergy, Church Organization, and Church Practices. In: BERNDT, Guido M.; STEINACHER, Roland. **Arianism: Roman Heresy and Barbarian Creed**. Londres: Routledge, 2014. p. 145-191.

MURRAY, Alexander Callander. The Composition of the *Histories* of Gregory of Tours and Its Bearing on the Political Narrative. In: MURRAY, Alexander Callander (ed.). **A Companion to Gregory of Tours**. Leiden: Brill, 2016. p. 63-101.

OHARA, João Rodolfo Munhoz. Ética, Escrita e Leitura da História: os problemas da expectativa e da confiança. **Revista de História**, São Paulo, n. 178, p. 1-28, 2019.





Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/142982>. Acesso em 6 de junho de 2022.

SILVA, Marcelo Cândido da. **A Realeza Cristã na Alta Idade Média**: os fundamentos da autoridade pública no período merovíngio (séculos V-VIII). São Paulo: Alameda Editorial, 2008.

SILVA, Marcelo Cândido da. Gregório de Tours. In: SOUZA, Guilherme Queiroz de; NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa. **Dicionário: Cem Fragmentos Biográficos - A Idade Média em Trajetórias**. Goiânia: Tempestiva, 2020. p. 93-98.

SILVEIRA, Verônica da Costa. **História e Historiografia na Antiguidade Tardia à luz de Gregório de Tours e Isidoro de Sevilha**. 2010. 181 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-21072010-104006/pt-br.php>. Acesso em 2 de junho de 2022.

TAMM, Marek. Introduction: Afterlife of events: perspectives on mnemohistory. In: TAMM, Marek (ed.). **Afterlife of Events**: perspectives on mnemohistory. Londres: Palgrave Macmillan, 2015.

TROUILLOT, Michel-Rolph. **Silenciando o Passado**: poder e a produção da história. Curitiba: Huya, 2016.

WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: Edusp, 1994.

